



**Instituto de Psicologia - Departamento de
Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL
Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero**

TRABALHO FINAL DE CURSO

**O MOVIMENTO RÍTMICO COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO E
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

Apresentado por: Vanda Maria Amaro de Melo

Orientado por: Prof^ª Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

BRASÍLIA, 2013

**O MOVIMENTO RITMICO COMO
PRÁTICA DE EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO
PSICOPEDAGÓGICA**

Apresentado por: Vanda Maria Amaro de Melo

Orientado por: Prof^ª Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Sumário

I - Colocação do Problema	p.3
II - Fundamentação Teórica	p.5
2.1 A metamorfose do desenvolvimento motor na criança de zero a sete anos	p.5
III - Método de Intervenção	p.16
3.1 Sujeitos e Instituição	p.16
3.2 Procedimentos Adotados	p.16
IV - A intervenção psicopedagógica	p.18
4.1 A avaliação psicopedagógica	p. 18
4.1.1 Sessão um de avaliação psicopedagógica (12/04/2013).....	p.18
4.1.2 Sessão dois de avaliação psicopedagógica (15/04/2013).....	p.18
4.2 As Sessões de Intervenção.	p.19
4.2.1 Sessão um de intervenção psicopedagógica (19/04/2013)	p.19
4.2.2 Sessão dois de intervenção psicopedagógica (19/04/2013).....	p.22
4.2.3 Sessão três de intervenção psicopedagógica (26/04/2013).....	p.23
4.2.4 Sessão quatro de intervenção psicopedagógica (06/05/2013).....	p.25
4.2.5 Sessão cinco de intervenção psicopedagógica (10/05/2013).....	p.29
V- Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica.....	p.31
VI - Consideração finais	p.33

VII - Referências Bibliográficas	p.36
Anexos	p.38

I – Colocação do problema

Onde começam os problemas de aprendizagem tão corriqueiros hoje em dia nas escolas? O que fazer para tentar não deixar que eles existam ou para diminuir os efeitos negativos na vida escolar de crianças e jovens? Será que as instituições e órgãos competentes, ao pensar as políticas de educação, estão dando o devido equilíbrio e importância para um bom desenvolvimento dos âmbitos corporais, emocionais e intelectuais de acordo com as necessidades de cada fase?

As evidências de dificuldades na aprendizagem, sobretudo nos primeiros anos escolares, tornaram-se cada vez mais comuns nas escolas, tanto na leitura e escrita quanto na matemática. O acesso de crianças às salas de recursos em determinados momentos das aulas é cada vez mais freqüente, o que pressupõe que algo está em desarmonia, acarretando com isso, atrasos no desenvolvimento da aprendizagem e classificações das crianças em categorias de letras (TDA, TDAH, TB, TOD, etc.) ou síndromes comuns e raras, cujas denominações pouco ajudam, quando o problema já está instalado.

Partindo do pressuposto de que o corpo físico, o mundo dos sentimentos e o intelecto devem ser considerados com igual importância no desenvolvimento global de uma criança (Cosmovisão antroposófica de R. Steiner compartilhada em partes com outros teóricos da educação), e que dos três, a escola e a sociedade valorizam e incentivam mais o aspecto cognitivo, o presente trabalho se propõe, pelo menos em parte, a esclarecer, valorizar e incentivar os motivos pelos quais o movimento corporal com ritmo deve ser praticado diariamente em sala de aula, principalmente nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Tal prática se deve, não só como contraponto à valorização cognitiva, mas de fato como uma possibilidade de ir ao encontro da promoção da saúde antes mesmo das dificuldades na aprendizagem, tão presentes hoje em dia, tomarem grandes proporções.

Por fim, o trabalho destina-se a incentivar os professores regentes de classes, ou da sala de recursos a compreenderem e utilizarem, sistematicamente, o movimento rítmico no dia a dia escolar. Isso significa, trabalhar com promoção de saúde e não com o foco na dificuldade. Mas caso ela exista, que possa ser eficaz ao ajudar a criança a vencer seus desafios, ganhar autonomia e emancipar-se para exercer com plena consciência sua liberdade e cidadania.

II - Fundamentação Teórica

Para se tratar da importância do movimento no desenvolvimento global e na aprendizagem da criança, é importante que se reflita sobre os seguintes conceitos:

O que é movimento? O que é ritmo? O que é brincar? O que é maturação?

Segundo o dicionário Aurélio:

Movimento é: “Ato ou processo de mover (-se); deslocamento; um determinado modo de mover-se; afluência de gente que se move; animação, agitação; série de atividades organizadas que trabalham em conjunto para alcançar determinado fim.” (p.1373, 1999)

Ritmo é: “do grego *rhythmos*, movimento regrado e medido; movimento ou ruído que se repete, no tempo, a intervalos regulares, com acentos fortes e fracos.” (p.1773, 1999)

Brincar é: “Divertir-se infantilmente; entreter-se em jogos de crianças; agitar-se alegremente; foliar; saltar; pular; dançar.” (p.332,1999)

Maturação é: “Processo de transformação e desenvolvimento de um órgão ou organismo para o exercício pleno de suas funções, e que se prende essencialmente à idade; desenvolvimento, desabrochamento; aperfeiçoamento.” (p.1301, 1999)

Como juntar tudo isto

Numa grande diversão

De aprendizagem, alegria

Confiança e prontidão?

2.1 - A Metamorfose do Desenvolvimento Motor na Criança do Zero a Sete Anos

Quando a criança nasce, primeiro vem a cabeça, depois o tórax e em seguida os membros. E quando nos deparamos com este recém-nascido, notamos que todos os seus movimentos são involuntários, inconscientes, também conhecido como movimentos reflexos: Os primeiros reflexos são reflexos tônicos de defesa ou de atitude (Wallon, 2007) cujas reações são automáticas e não possuem uma intenção. Estão por assim dizer, ao sabor das

necessidades viscerais orgânicas e os estímulos externos como: ruídos, frio, calor, luminosidade, etc. Dessa forma, os braços, as pernas, a cabeça e até os olhos, se mexem desconexamente. Contudo, estes movimentos ainda que descoordenados, são a mola propulsora, ou estímulos para a ocorrência do princípio da maturação do sistema nervoso que tem como finalidade chegar a uma integração dos centros nervosos.

A ocorrência dessa maturação se dá, fisicamente, no sentido crânio-caudal, segundo o médico e doutor em antropologia Wesley Moraes (Moraes,1998) em concordância com o que afirma Wallon em seu postulado sobre o ato motor: a mielinização do feixe piramidal, que progride de cima para baixo, lhe permite levar até os centros medulares dos membros inferiores as incitações do córtex. (Wallon,2007). Neste primeiro momento da vida, o ponto auge de maturidade das principais funções mentais se completam, por volta dos sete anos de idade, mesmo levando em conta as especificidades de cada criança. Assim sendo, na criança pequena, aos poucos o caos do movimento desaparece e surge em seu lugar os movimentos guiados pela “vontade da criança”, expressão sugerida pela educadora Renate Keller Ignácio (Ignácio,1995). Isto significa que os movimentos reflexos se transformam, gradativamente, em movimentos coordenados e funções específicas, por exemplo, andar, falar e pensar, os o que Lúria (1973), em sua obra *The Working Brain*, de abordagem histórico-cultural, também denominou de funções mentais superiores, adquiridas ao longo da história social e do desenvolvimento do sujeito. Quando a criança consegue sustentar o pescoço é sinal de que houve uma substituição de um movimento reflexo por uma atividade psicomotora voluntária.

Daí em diante, se o ambiente externo oferece condições favoráveis, aos poucos a criança conquista o domínio das mãos, seu primeiro brinquedo, conseguindo com isso, agarrar objetos, fazer pequenos movimentos com o tórax, mudar da posição de costas para a posição de bruços e de volta também, erguer a cabeça com a ajuda dos braços, rolar, rastejar, sentar, engatinhar, ajoelhar-se segurando em objetos. Incansavelmente, a criança faz inúmeras tentativas, até colocar-se na posição ereta, dar os primeiros passos e fazer umas das maiores conquistas da sua vida: o andar

O processo de mielinização e integração dos centros nervosos e sua transformação em capacidades e habilidades superiores acontecem naturalmente, no ser humano. Contudo, outros fatores externos vão ao encontro dos processos biológicos internos e se somam a eles para lhes dar qualidades, o que depende do ritmo de cada um, à conquista feita. Um deles é o fator **afetividade** e suas nuances, que acontece na interação à qual cada criança está sujeita, e

que lhe permitirá, posteriormente, a **imitação espontânea** que é outro fator importante. Mesmo com diferentes concepções de desenvolvimento do ser humano, Rudolf Steiner em sua concepção da Pedagogia Waldorf e Wallon em seu postulado da Evolução Psicológica da Criança, abordam a importância da afetividade e da imitação na integração dos movimentos e funções mentais superiores:

“Em suas imitações espontâneas, a criança não tem uma imagem abstrata ou objetiva do modelo. Longe de conseguir se opor, começa unindo-se a ele numa espécie de intuição mimética. Só imita as pessoas por quem se sente profundamente atraída ou ações que a cativaram. Na raiz de suas imitações, há amor, admiração e também rivalidade.” (Wallon, 2007)

Com isso é inevitável observar, apontar e problematizar a educação dos primeiros anos de vida, base para toda educação, sobretudo nas creches e jardins de infância como aponta a psicóloga e professora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília - UnB, Lúcia Pulino:

“De modo geral, a educação em creches deve levar em conta os aspectos do momento de desenvolvimento físico e psicológico das crianças, orientado por conhecimentos pediátricos, nutricionais e psicológicos, considerando a adequação do espaço físico, da rotina de atividades e dos brinquedos disponíveis. Mas, além dessa perspectiva geral, a criança deve ser olhada em sua especificidade.” (Pulino, 2001, p.38).

Levando em conta as adequações mencionadas acima e as conquistas motoras necessárias que a criança tem de fazer nos primeiros anos de vida, vale a pena chamar à atenção da sociedade, dos núcleos familiares e educacionais de um modo geral, para que reflitam, discutam e encontrem a melhor forma de garantir o desenvolvimento integral das crianças, sobretudo nos primeiros anos de vida quando elas tem de adquirir, preferencialmente, por meio de brincadeiras e jogos, as habilidades corporais que lhe garantem, em vias normais, o pleno amadurecimento das funções mentais superiores.

Ainda em consonância com este pensamento, é importante observar a capacitação e a prática dos profissionais que lidam com crianças nesta faixa etária.

Segundo pesquisa realizada pela pediatra húngara Emmi Pikler, (Ignácio, 2002), que dirigiu por trinta anos um lar para crianças de zero a três anos e estudou, sistematicamente, o desenvolvimento de capacidades ligadas ao movimento em mais de duas mil crianças diz que:

“Qualquer educador consciente da metamorfose do movimento (andar, falar, pensar, fantasia criativa e pensar abstrato) teria plena confiança de que qualquer criança normal conquista seu corpo e seus movimentos sem a ajuda direta dos adultos. Entretanto, é necessário que exista uma relação amorosa estabelecida entre as crianças e um ou mais adultos que as acompanham sempre (Ignácio, 2002).”

Seguindo ainda este pensamento e partindo para um âmbito bem prático, segundo Emmi Pikler, com crianças recém-nascidas, nunca deveríamos colocá-las em posição que elas ainda não conquistaram por si mesma. Muitos exemplos são corriqueiros e podem ser vistos no dia-a-dia quando recém-nascidos são colocados na posição vertical, fazendo esforço para sustentar o pescoço sem no entanto, estarem prontos para tal ação. Ou deitados de bruços para que fortaleçam a musculatura. Ou ainda, deitados em bebê conforto numa posição quase sentada, ou sentados encostados em almofadas, e o andador que estimula a criança a andar antes da hora.

É importante esclarecer que sobre este ponto de vista, há discordâncias, muitas, inclusive entre médicos e pediatras. Porém, se o movimento for levado a sério como uma possibilidade de metamorfose para uma inteligência integral e sadia, tais atitudes prestam um serviço contrário enfraquecendo a força de vontade, a confiança, a auto-estima e impedindo que as sinapses cerebrais se estabeleçam a partir do movimento.

“Deixemos as crianças no chão rolando, arrastando, engatinhando durante semanas e meses até que elas sentem sozinhas, aí então formaremos cidadãos cheios de força de vontade e iniciativa própria para o futuro (Ignácio, 2002).”

1ª Fase: a criança está deitada de costas e vira de lado, fica deitada de lado e volta a se deitar de costas.



Fonte: Ignácio, R. K. (2002)

Pode-se perceber no pensamento do neuropsicólogo Lúria (1982), e de Vygotsky (1987), afirmativas que respaldam a relação movimento e mielinização:

“Com base na integração sensorial e na mielinização, o ser humano conquista seu próprio corpo, fazendo dele o espaço de sua imaginação e o continente de sua ação, como um instrumento vital para o seu desenvolvimento cognitivo-emocional. A auto-estima possui relação direta com esse processo.”

“[...] Antes de se apropriar dos símbolos cada indivíduo necessita conquistar o seu corpo como um instrumento de liberdade gravitacional, espacial e de comunicação emocional. (Vygotsky, 1987)

Na tentativa de integrar numa mesma perspectiva corpo e mente, Lúria, que foi discípulo de Vygotsky,

“explora o cérebro como um sistema biológico aberto, em constante interação com o meio físico e social em que o sujeito está inserido.”

Assim, as funções mentais superiores tipicamente humanas, são construídas de acordo com a especificidade de cada sujeito em sua relação com o mundo.

Percebe-se que na relação do sujeito com o mundo sugerida por Lúria, a transformação constante das estruturas e mecanismos de funcionamento cerebrais. Na relação entre o sujeito e o mundo, sugerida por R.Steiner, (1923/2007) há o reconhecimento das mesmas transformações. Este último, sugere uma observação e ações práticas conscientes, da parte dos educadores, para a permeabilidade à qual a criança pequena está sujeita e não tem qualquer controle sobre ela, sendo então da responsabilidade do adulto um olhar para as influências externas, já que todas são formativas ou deformativas. Diante de tal situação, perguntamos: qual é a qualidade da relação de amor e confiança dada pelo adulto? O ambiente físico é aconchegante? Os brinquedos oferecem a possibilidade de novas descobertas, de movimentos diversos e de variadas experimentações táteis? O ambiente é livre de poluição visual? As cores são harmônicas e oferecem aconchego? Que qualidade de sons e cheiros perpassam o ambiente? São cheiros criados artificialmente ou naturais como de chás, comida, etc.? De que tipo e qualidade é o alimento oferecido? Qual é a qualidade do sono da criança? Como é o ritmo diário da criança e da família?

A criança em movimento se relaciona com o mundo por meio dos seus órgãos de sentido. A qualidade do movimento e das percepções pelos órgãos de sentido atuam diretamente na encefalização (Lúria, 1982), cuja qualidade dependerá da riqueza de padrões de ação. Segundo Rudolf Steiner, quatro sentidos são mais importantes de serem desenvolvidos nesta faixa etária: sentido do movimento, sentido do equilíbrio, sentido vital e sentido tátil. R. Steiner concebe o ser como tendo doze sentidos. Portanto, além dos sentidos da visão, audição, olfato e paladar, há também o sentido do calor, da palavra, do pensar e o sentido do Eu. (Steiner, 1916).

Nossa sociedade capitalista tem exigido do ser humano um amadurecimento cada vez mais precoce, encurtando com isso os dias da nossa infância, espaço institucionalizado por direito ao brincar e a livre atividade da fantasia infantil. Antigamente, a criança podia ficar em casa, aos cuidados da família, até por volta dos seis anos de idade. Com isso, tinha bastante tempo para explorar suas ações e fantasia infantil. Pelas exigências e necessidades dos tempos atuais, a criança tem obrigatoriamente, de ir à escola mais cedo do que outrora. Sem sombra de dúvida que há fatores positivos nestas mudanças. Todavia, pode-se explicitar, uma das conseqüências negativas dessa aceleração: a limitação do espaço do brincar lúdico (andar, correr, pular, trepar, lutar, cantar, dançar, etc.) livre em contraposição à quietude corporal e a exigência intelectual a qual são submetidas as crianças, sem observar na maioria das vezes, as especificidades de cada uma delas. Muitas crianças mostram, por meio das mais variadas dificuldades, que ainda não estão maduras física e emocionalmente para tais exigências e levam para o resto de suas vidas a sensação do fracasso, da incapacidade, da baixa auto-estima, fruto de um querer político que não vê especificidades, mas homogeneidade. Com isso, se quer dizer que as crianças de hoje, por diversos fatores da vida moderna, se movimentam menos, ao mesmo tempo em que cresce o número de crianças com necessidades específicas de aprendizagem. Com isso não quero afirmar que toda dificuldade provenha da falta de movimento, mas dada a sua importância para a maturidade corpórea e neurológica, é um dos primeiros caminhos a serem investigados numa avaliação psicopedagógica. Levando em consideração os argumentos de Lúria, Vyigotsky e R. Steiner acerca do movimento que condições são criadas para o desenvolvimento da maturidade? Qual é o espaço/tempo que a criança de hoje tem para o movimento?

Retomando a metamorfose do movimento, termo utilizado na cosmovisão antroposófica de Rudolf Steiner (1861–1925), a direção crânio-caudal, no primeiro ano de

vida, sob a influência do aprender a andar, o cérebro é plasmado e os órgãos dos sentidos desenvolvidos, conforme o ambiente criado pelos educadores.

Por volta do segundo ano de vida a criança desencadeia o processo da fala, e as forças formativas trabalham agora para o amadurecimento dos órgãos do sistema respiratório e circulatório. Isto quer dizer que as forças formativas (R.Steiner, 1923/2007) que antes trabalhavam para o amadurecimento do cérebro, agora estão disponíveis para o amadurecimento do sistema rítmico: respiração e circulação. Uma vez terminada a maturação dos órgãos rítmicos as forças formativas começam a atuar no pensar, não que não estivessem atuando antes, mas agora com uma tônica de fazer da criança um ser um pouquinho mais consciente de si. Ou seja, ela inicia sua separação do mundo; é quando a criança denomina a si própria de Eu e normalmente, vem acompanhada por uma fase de teimosia.

Seguindo essa trilha espiralada, o movimento se metamorfoseia nos processos do andar, falar e pensar durante os três primeiros anos da criança como cita o médico, mestre em Ciências da Religião e doutor em Antropologia Wesley Aragão de Moraes segundo seus estudos sobre a Antroposofia de Rudolf Steiner.

“A criança que teve muito estímulo motor, de forma harmônica e lúdica – terá tais forças internalizadas e metamorfoseadas em aptidão para o Pensar amplo e claro. Segundo ele, os gregos sabiam que “um bom filósofo deve ser também um bom dançarino”. Nas pernas, dizia Steiner, estão os contornos fortes da fala, e nos braços os contornos sutis e inflexões da fala. Os gestos e movimentos se transformam na capacidade falante e, a posteriori, metamorfoseiam-se em estruturas cerebrais, as quais são formadas em função dos estímulos da fala e do movimento.” (Moraes, 1998, p.28).

Wesley Moraes, afirma em sua pesquisa sobre educação, psicologia e medicina que Piaget concorda totalmente com isto, embora propusesse outros meios de estímulo.

As fases de Piaget em comparação com as de Rudolf Steiner:

- 1- Inteligência sensório- motora – de 0 a 2 anos (Andar)
- 2- Inteligência simbólico-linguística – mesmo período do (Falar)
- 3- Inteligência Intuitiva – de 2 a 6 anos – (início do Pensar)
- 4- Inteligência Operatória Completa – de 6 a 12 anos (Pensar abstrato)

Terminada a primeira (de zero a três) e mais importante, etapa de desenvolvimento (de zero a três anos), as forças formativas continuam atuando para completar o amadurecimento

do corpo da criança, seguindo assim, com mais duas etapas (de três a cinco e de cinco a sete anos) até fortalecer, por completo, os órgãos internos da respiração e circulação e a parte metabólico-motora, dando refinamento aos movimentos já conquistados.

Na segunda etapa, aqueles estímulos que estavam atuando principalmente no amadurecimento do sistema neuro-sensorial, passam agora a atuar nos órgãos da circulação e respiração para completar sua maturidade. Neste momento, a criança sente uma afinidade com a fantasia criativa e tudo aquilo que é rítmico: o canto, a rima, as histórias rítmicas, etc. num âmbito social. Com isso, a criança é capaz de transformar um pedaço de madeira em um barco, numa espada, em uma mamadeira, etc.

Havendo completado o amadurecimento do sistema rítmico (respiração e circulação), na terceira fase, dos cinco aos sete anos, as forças formativas irão atuar no amadurecimento e refinamento das atividades metabólico-motoras (região dos membros do estômago e órgãos sexuais). Assim, nesta fase a criança apresenta grande ímpeto para o trabalho que exige habilidade das mãos, como descascar verduras e frutas, bater prego, varrer, lavar (fruto ainda da imitação do meio cultural) e também quer treinar a habilidade das pernas e pés, pulando amarelinha, corda, andando de perna de pau, subindo em árvores, etc. Surge nesta última fase à força de um pensar mais intencional, aquele que divide papéis nas brincadeiras e planeja ações que são executadas do começo ao fim.

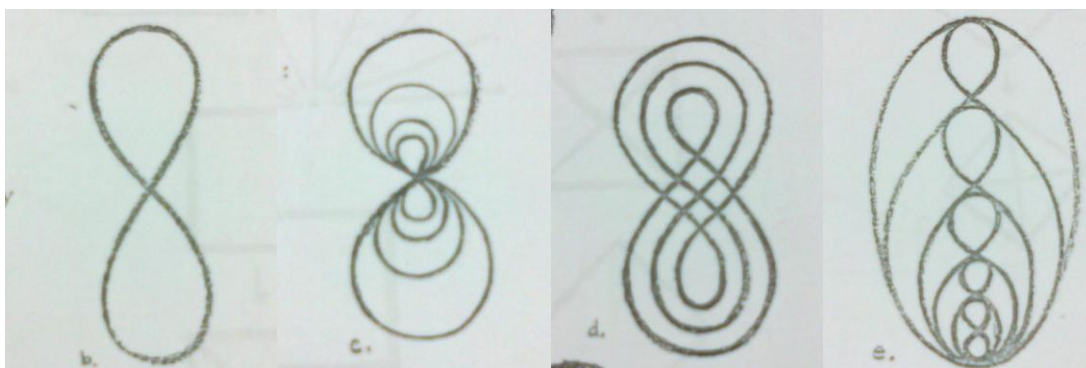
O gesto precede a palavra, depois vem acompanhado dela [...] para finalmente fundir-se em maior ou menor medida a ela. A criança mostra, depois conta, antes de conseguir explicar. (Wallon, 2007).

Quando isto acontece e a troca de dentes começa a acontecer, é sinal de que sua base orgânica está pronta para o aprendizado na escola.



Neste caminho de maturação da criança foi notado o quão importante é o movimento em cada fase da vida. Ele tem seu início nos movimentos reflexos e se direciona para a maturidade neurológica, passando em seguida ao amadurecimento do sistema rítmico e metabólico motor sucessivamente, servindo de base para as três faculdades tipicamente humanas: andar bípede, a fala e o pensamento. Até os sete anos o movimento adquire diferentes características e modalidades. Sai de movimentos reflexos para terminar numa âncora para a atividade do pensar conceitual, momento em que, se forem oferecidas as oportunidades adequadas de movimento para o amadurecimento neurológico e coordenação do corpo, de fato, ela pode ser exigida no aprendizado escolar.

O movimento que se metamorfoseia nas diferentes fases e faz amadurecer, usa como veículo a carruagem do brincar infantil que assume diferentes qualidades em cada fase da infância.



Para Walter Benjamim (1984) “o brinquedo sempre foi e sempre será um objeto criado pelo adulto para a criança” e não é um objeto que serve só para ocupar o seu tempo, mas para torná-las felizes e desenvolver importantes funções mentais.

Uma das tarefas que se espera do psicopedagogo é que avalie as necessidades educativas dos alunos no contexto em que se realiza a interação educacional, levando em conta a avaliação dos diferentes profissionais que intervêm na situação, as diretrizes educacionais do Plano Político Pedagógico da escola na qual a criança está inserida, bem como os aspectos da vida familiar.

Numa proposta de movimento rítmico cuja canção envolve a todos é possível perceber e avaliar as habilidades e dificuldades dos participantes, sem, no entanto, chamar à atenção ou colocar em foco a dificuldade. No brincar a participação é democrática, oferece os mesmos direitos a todos. Todavia, o profissional percebendo a situação pode propor brincadeiras que todos farão juntos, mas que foram pensadas com o foco em quem precisa dar passos na conquista de habilidades.

Com base no aporte teórico exposto anteriormente e na crença de promover a brincadeira como forma salutogênica, que são “os cuidados pedagógicos que poderão gerar a partir da infância, um ser humano com aquilo que Antonovsky (1979) denominou forte “Senso de Coerência”, os exercícios foram realizados sempre com a turma completa, ocasiões nas quais foram percebidas necessidades educacionais específicas, que foram ao longo das sessões sendo aprimoradas.

III – Método de Intervenção

A intervenção, baseada na Metodologia Qualitativa, foi conduzida por meio de procedimentos de observação e sessões de entrevista semi-estruturada com a professora e uma conversa com os alunos da turma.

As sessões foram previamente planejadas e agendadas com a professora da classe e foram realizadas em horário escolar, dentro da sala de aula mediante interação do pesquisador com as crianças e permanência da professora regente, por períodos de uma hora por sessão.

A sala de aula foi o local escolhido pelo pesquisador por se tratar de uma intervenção qualitativa na qual há interação do pesquisador com os sujeitos pesquisados em seu ambiente natural de aprendizagem.

O objetivo foi conduzir atividades corporais dirigidas que promovam consciência e maturidade física servindo de base para a aprendizagem cognitiva. É recomendado que os exercícios sejam praticados e repetidos com certa frequência, fazer variações do mesmo tema; estabelecer periodicidade: diária, semanal ou anual.

A realização da intervenção feita por mim foi autorizada pela professora e pela vice-diretora da instituição de ensino. (Anexo 01 – termo de Consentimento Livre e esclarecido)

3.1 – Sujeitos e Instituição

Esta pesquisa foi realizada em uma Escola Classe da Asa Norte, pertencente à Secretaria de Educação de Brasília, na turma do 3º ano.

Participaram da pesquisa dezessete alunos, sendo nove meninas e oito meninos com idades entre oito e nove anos. A professora participou das sessões assistindo atentamente.

3.2 – Procedimentos Adotados

O procedimento de intervenção foi realizado em oito sessões, sendo a primeira uma conversa com a professora da turma que me forneceu um panorama geral das crianças e as dificuldades mais acentuadas.

A segunda sessão foi a minha apresentação aos alunos e observação sem intervenção da minha parte. Neste dia foram observados a postura e o comportamento dos alunos, o relacionamento com a professora, foi feito reconhecimento da sala de aula, no sentido de espaço, iluminação e ventilação adequados para movimentação corporal do grupo; e dos conteúdos que estavam sendo trabalhados para serem incluídos nas atividades desenvolvidas posteriormente. Então, com autorização da professora regente, pude observar a movimentação natural das crianças, cadernos de exercícios e cartazes, com conteúdos que estavam sendo trabalhados, nas paredes internas da sala. As cinco sessões seguintes constituíram-se de brincadeiras que envolveram elementos para o desenvolvimento dos sentidos, da lateralidade, da coordenação motora, do ritmo, do canto, do tempo e contagem rítmica, associados algumas vezes, aos conteúdos trabalhados em sala de aula.

IV - A intervenção psicopedagógica:

4.1 - Avaliação psicopedagógica

Sessão um de avaliação psicopedagógica (12/04/2013)

Objetivo: Conversar com a professora sobre a importância do movimento no ensino/aprendizagem, obter informações sobre o histórico da turma, a quantidade de alunos, o número de meninos e meninas, saber das crianças que mais apresentam dificuldades no desenvolvimento da aprendizagem, definir dias, horários, metodologia a ser utilizada e breve explicação das bases teóricas da proposta de atividades.

Procedimento e material utilizado: Foram elaboradas perguntas para uma entrevista (em anexo) relativas ao movimento dirigido e coordenação motora geral dos alunos.

Resultados obtidos e discussão: A proposta de intervenção foi concebida com o intuito de beneficiar o grupo todo, independente das dificuldades particulares. Todavia chegou-se à conclusão de que seria muito proveitoso, especialmente para duas das dezessete crianças, se além de fazerem no grupo, fizessem também individualmente, pela atenção que requerem na realização do movimento bem organizado e com a atenção necessária. A professora observou que os alunos com mais dificuldades de aprendizagem também apresentaram mais dificuldades em realizar os movimentos

O tempo estabelecido para a realização das atividades foi de trinta minutos com o grupo e trinta minutos com as duas crianças individualmente.

Sessão dois de avaliação psicopedagógica (15/04/2013)

Objetivo: A próxima etapa do trabalho teve o objetivo de conhecer os alunos na sala de aula, saber onde cada um mora, a idade, o que gosta de fazer, do que gostam de brincar, falar do trabalho que será desenvolvido e observar a dinâmica de movimentos, a dinâmica social da turma, conhecer o espaço físico do ponto de vista do tamanho, da luminosidade e ventilação, e até certo ponto saber o que estavam aprendendo. Com isso, foi observado também cadernos de atividades dos alunos.

Procedimento e material utilizado: Caneta e papel para anotações, leitura dos cadernos das crianças.

Resultados obtidos e discussão: A turma do Terceiro Ano é composta por dezessete alunos dos quais, oito são meninas e sete são meninos. Há dois alunos que apresentam mais dificuldades no processo de aprendizagem: (Thiago, 8 anos) e (Graziele 9 anos) que os conheci na sala de recursos onde faziam uma prova com conteúdos adaptados às suas dificuldades. Foi observado que a sala é bem ampla, de mais ou menos cinquenta metros quadrados, possui boa iluminação natural e é bem ventilada. Há também ventiladores instalados no teto e filtro com água dentro da sala. Dos cartazes fixados nas paredes havia informações sobre calendário, regras de convivência, cardápio de lanche, tabuada do número cinco, quantificações com canudinhos de: unidade, dezena e centena, um grande espelho, alfabeto com letra cursiva maiúscula e minúscula e representação do sistema monetário brasileiro.

A partir da imagem geral da turma e do relacionamento entre eles, do reconhecimento do ambiente e da boa receptividade dos alunos e da professora, ficou acertado o início das atividades para a próxima sessão.

4.2 - As Sessões de Intervenção

Sessão um de intervenção psicopedagógica 19/04/2013

Objetivo: Observar nas brincadeiras propostas ao grupo as habilidades corporais individuais, relacionadas a espacialidade: direita, esquerda, em cima, em baixo, na frente e atrás. A relação com o tempo e ritmo musical; e atenção e agilidade com a posição sequencial de números: antecessor e sucessor.

Procedimento e material utilizado: duas canções do folclore brasileiro: “Escravos de Jó”, “O anãozinho brincalhão” e uma bola de tricô.

Ao chegar à sala de aula e cumprimentar às criança, pedi que formassem um círculo de maneira que todos pudessem se ver e que fossem intercalando um menino com uma menina para fazermos três brincadeiras, cujas explicações seriam dadas á medida que fossemos praticando. Assim atenderam prontamente.

A primeira brincadeira foi “Os escravos de Jó”

“Escravos de Jó, jogavam cachangá / tira, bota, deixa ficar / guerreiros com guerreiros fazem zig, zig, zá! / guerreiros com guerreiros fazem zig, zig, zá.”

A música foi cantada por todos enquanto fazíamos os movimentos com o corpo inteiro em formação circular, obedecendo atentamente a forma original, as marcações de ritmo, tempo, o pé utilizado (direito ou esquerdo), e a direção na hora do zig, zig, zá. No início foi meio confuso e houve a necessidade de repetir várias vezes. Uma segunda variação foi feita com as crianças sentadas no chão, em forma circular, e com um objeto que era uma bola passando de mão em mão, respeitando o tempo, o ritmo, as pausas, etc.

A segunda brincadeira foi a do “Anãozinho Brincalhão”

“Havia um anãozinho que gostava de brincar / eu perguntei por ele e comecei a procurar / em baixo, em cima, cá dentro e lá fora / de um lado, do outro / uma volta sem demora. Achei meu anãozinho num pezinho de amora / estava abaixadinho com seu gorrinho de fora / embaixo, em cima, cá dentro e lá fora / de um lado, do outro / uma volta sem demora / Achei meu anãozinho!

A brincadeira foi realizada em formação circular, acompanhada de canto e movimentos sugeridos pela própria música. Como na canção anterior havia entrega e entusiasmo por parte das crianças e os comandos foram mais fáceis de serem seguidos.

A terceira atividade foi a de sequência numérica.

“Antes de mim vem o 11, depois de mim vem o 13. Quem sou eu?”

Ainda em forma circular, a partir de mim, foram distribuídos, na sequência, números a cada participante, cuja formação foi uma sequência de um a dezoito. E a brincadeira se prosseguiu da seguinte maneira: A pessoa que estivesse com a bola na mão dizia: antes de mim vem o 7, depois de mim vem o 9. Em seguida jogava a bola para outro colega e dizia: “quem sou eu?” A pessoa que recebe a bola responde, faz a sua declaração e lança a pergunta juntamente com a bola à outra pessoa. Assim, a brincadeira se repetiu até que todos recebessem a bola e uma pergunta.

Resultados obtidos e discussão:

A turma já conhecia uma das brincadeiras cantadas (“Os escravos de Jó”) e com isso, formou um coro de vozes animadas e entusiasmadas. Estavam todos entregues ao momento lúdico tanto no canto, quanto no movimento. Porém, neste último pude perceber algumas crianças que se atrapalharam para saber qual direção seguir, sem respeitar o ritmo e as marcações, sem se dar conta de qual pé tem que começar para a roda fluir. Depois de algumas repetições, a maioria compreendeu e pôs em prática com consciência. Porém, algumas poucas repetiram, mas com a consciência fora do seu corpo, pois ao ser pedido para repetirem logo em seguida, já haviam esquecido. Como o corpo inteiro já havia praticado bastante, a mesma brincadeira feita sentados no chão e de um modo geral, foi bem melhor.

Na segunda brincadeira, a do anãozinho, os comandos foram seguidos com entusiasmo e compreensão, assim como na primeira, mas foi notado que algumas crianças a fizeram sem consciência, característica que acontece em crianças pequenas, cujo amadurecimento neurológico ainda não se completou e muito de seu aprendizado acontece pela via da imitação.

A terceira e última brincadeira do dia foi a da sequência numérica que exigiu dos alunos bastante atenção e vontade de acertar. A maioria se saiu muito bem. Porém, os mesmos que tiveram dificuldades nos movimentos corporais das brincadeiras anteriores ficaram meios perdidos nesta brincadeira e necessitaram de mais tempo e ajuda para elaborarem o processo.

Sessão dois de intervenção psicopedagógica 22/04/2013

Objetivo: Oferecer brincadeiras que ajudem na definição da lateralidade e tragam mais consciência rítmica para o corpo sobretudo, para mãos e pés; e cálculos mentais apelando aos sentidos da visão, audição, do tato e paladar.

Procedimento e material utilizado: Versos e canções, cálculos mentais.

“Mãos para cima / mãos para baixo / mãos à frente / mãos atrás / direita e esquerda / é assim que se faz!”

“Mão direita, mão esquerda, tenho duas mãos / mão direita, mão esquerda, trabalhando as duas vão. / Se ajudando ao encontrar, esta mão e a outra mão / esta mão e a outra mão. / Pé direito, pé esquerdo, dois pés são / pé direito, pé esquerdo pisam firme neste chão.”

Nos versos acima, ao comando do pesquisador, os alunos se colocaram em formações: de linha, de círculo e quadrado e em cada uma delas foram recitados os versos acima descritos referentes a lateralidade, e feitos movimentos mostrando cada parte do corpo citada.

“Eu entrei na roda / para ver como se dança / eu entrei na contradança / eu não sei dançar / sete e sete são quatorze / três vezes sete vinte e um / tenho sete namorados / e não caso com nenhum.”

Na canção “eu entrei na roda...” o pesquisador e os alunos, iniciando com o pé direito, andavam em círculo, cantando e fazendo pausas a cada quatro passos. Em cada pausa realizada, o andar era cessado, o canto silenciado e eram batidas duas palmas, seguidas de uma batida com o pé direito e outra com o pé esquerdo, alternadamente. E assim foi feito até o final da canção.

Depois de repetida a canção por três vezes, os alunos foram solicitados a sentar no chão e contar, mentalmente, quantos passos foram dados numa rodada da canção; quantas vezes o quatro apareceu; quantas palmas foram batidas e quantas batidas de pés (direito e esquerdo juntos), foram dadas.

Resultados obtidos e discussão:

É importante ressaltar a alegria e entusiasmo, sempre presentes nas crianças no início de cada sessão. Com isso, para iniciar o trabalho houve uma escuta atenciosa em relação aos comandos.

Inicialmente foi pedido que as crianças levantassem, bem alto, o braço direito e em seguida o esquerdo. Aproximadamente um terço da turma levantou o braço esquerdo e dois terços, levantou o braço direito. A mesma situação aconteceu em relação às pernas. Com isso foi possível notar que nem todos os alunos estão com a lateralidade definida no próprio corpo. Depois de marcar referências na sala que serviram como guia, o trabalho foi desenvolvido, mas foi observado que será necessária repetição para que ajudar na consolidação desta definição de lateralidade, tão importante do ponto de vista do desenvolvimento dos hemisférios cerebrais e conseqüentemente da prontidão para a aprendizagem escolar.

Partindo do pressuposto de que o corpo físico é a base sobre a qual se ancora a aprendizagem cognitiva, ele pode ser usado também como um corpo de memória que para firmá-la e acessá-la tão logo seja necessário, é preciso movimentá-lo com consciência, disciplina, ritmo e repetição, adequados a cada faixa etária.

Sessão três de intervenção psicopedagógica 26/05/2013

Objetivo: Continuar com exercícios de definição de lateralidade, firmar os movimentos ritmados; coordenar os cruzamentos dos membros superiores e inferiores e exercitar o sentido do equilíbrio.

Procedimento e material utilizado: Versos da sessão anterior, verso do cavalinho, saquinho de pano recheado com areia, linhas do chão da quadra de esportes, muretas do pátio da escola.

“Mãos para cima / mãos para baixo / mãos à frente / mãos atrás / direita e esquerda / é assim que se faz!”

“Mão direita, mão esquerda, tenho duas mãos / mão direita, mão esquerda, trabalhando as duas vão. / Se ajudando ao encontrar, esta mão e a outra mão / esta mão e a

outra mão. / Pé direito, pé esquerdo, dois pés são / pé direito, pé esquerdo pisam firme neste chão.”

Como o grupo já conhecia os procedimentos para as duas brincadeiras citadas acima, foram repetidas duas vezes cada uma delas. Foi notado que ainda houve troca entre braço direito/esquerdo e perna direita/esquerda, que foram corrigidas e notadas que é preciso mais repetição, em outras sessões.

“Eu entrei na roda / para ver como se dança / eu entrei na contradança / eu não sei dançar / sete e sete são quatorze / três vezes sete vinte e um / tenho sete namorados / e não caso com nenhum.”

Nesta brincadeira também já conhecida, foi realizada uma vez da mesma forma que foi aprendida na sessão anterior e foram acrescentados outros desafios na batida de palma e pés: palma, pé direito, pé esquerdo, palma. Uma terceira maneira de fazer foi: a um dado sinal, a música era cantada só na mente, enquanto os movimentos externos aconteciam sincronicamente.

“Lá vai galopando / meu bom cavalinho / florestas cruzando ,/ campinas, caminhos. / Cavalos tão belos / me leva ao castelo / e dentro da noite / vai bem de mansinho / vai silencioso / meu bom cavalinho / com cascos de prata / brilhando na mata.”

No poema do cavalinho foi exigida do corpo uma qualidade diferente de movimento associado ao ritmo binário do verso. Então, com o corpo direcionado para a frente e com as mãos na cintura, a um dado sinal as crianças galopavam da seguinte maneira: a cada frase recitada (ver a marcação acima), dois galopes com a perna direita na frente. Outra frase recitada, e mais dois galopes com a perna esquerda na frente e assim sucessivamente até terminar o poema.

Resultados obtidos e discussão

Os dois primeiros exercícios vem ao longo das repetições ganhando qualidade e destreza apurada dos movimentos. Ainda aconteceram as trocas de relacionadas a direita e esquerda, porém já com outra consciência por parte dos alunos, provando com isso que a repetição continua sendo um fator de grande importância para firmar e tornar seguro a lateralidade.

No terceiro exercício, que também foi repetido da primeira vez e na segunda vez com um desafio a mais, foi percebido mais presença e mais consciência corporal e temporal quanto às marcações da música. Foi notado nas crianças grande esforço em acertar e até que o movimento se tornasse automático, paravam para pensar nele.

O quarto exercício foi a novidade da sessão e a princípio, foi difícil para a maioria das crianças que tiveram dificuldade em coordenar a troca de pernas, com o ritmo do poema. Contudo, depois de algumas repetições o movimento e o ritmo foram sendo literalmente incorporados. Foi aconselhado que as crianças continuassem brincando de galope no recreio.

Sessão quatro de intervenção psicopedagógica - 06/05/2013

Objetivo: Fixar os exercícios de lateralidade; aumentar as exigências de coordenação de movimentos entre cruzamentos de pernas e braços; contagem rítmica dos múltiplos do número quatro até chegar à forma espacial de uma estrela de cinco pontas.

Procedimento e Material utilizado : versos para lateralidade, barbante, giz de cera e folha branca de tamanho A4.

“Mãos para cima / mãos para baixo / mãos à frente / mãos atrás / direita e esquerda / é assim que se faz!”

“Mão direita, mão esquerda, tenho duas mãos / mão direita, mão esquerda, trabalhando as duas vão. / Se ajudando ao encontrar, esta mão e a outra mão / esta mão e a outra mão. / Pé direito, pé esquerdo, dois pés são / pé direito, pé esquerdo pisam firme neste chão.”

Os dois exercícios foram repetidos pela importância que tem se mostrado da consolidação da definição da lateralidade. A forma circular é a mais difícil e por isto mesmo tem sido repetida, uma vez que na forma linear já foi quase superada a dificuldade.

“Eu entrei na roda / para ver como se dança / eu entrei na contradança / eu não sei dançar / sete e sete são quatorze / três vezes sete vinte e um / tenho sete namorados / e não caso com nenhum.”

Inicialmente, o procedimento utilizado foi o mesmo das sessões anteriores e depois foi acrescentada mais uma variação na batida de mãos e pés. Na pausa fazia-se: uma palma, pé direito, uma palma, pé esquerdo.

Em seguida, foi desenhada no chão uma linha reta bem comprida. As crianças formaram uma fila numa das extremidades, e ao sinal do pesquisador, a criança da vez seguia em frente, saltitando com a mão na cintura e respeitando o tempo marcado, de forma que ao cruzar as pernas, a linha ficasse entre os pés cruzados e acontecesse a alternância de uma vez a perna direita ficar na frente, e de outra vez à esquerda, e assim sucessivamente. O mesmo movimento foi repetido na ida e na volta, só que a volta era de costas. O exercício foi acompanhado da seguinte canção:

“Passa tempo tique-taque / tique-taque passa à hora / chega logo tique-taque / tique-taque vai se embora / passa tempo bem depressa/ não atrasa, não demora / que eu já estou muito cansado / já perdi toda a alegria / de fazer meu tique-taque / dia e noite, noite e dia / tique-taque, tique-taque, dia e noite, noite e dia.” (Vinícius de Moraes).

Na segunda rodada da brincadeira “Passa tempo tique-taque, foi acrescentado o cruzamento dos braços da seguinte maneira: Quando as pernas estavam abertas, os braços estavam cruzados e quando os braços estavam cruzados, as pernas estavam abertas.

A última atividade desenvolvida na sessão foi à formação da estrela de cinco pontas que se deu da seguinte maneira: dez crianças, de pé, formaram um círculo deixando uma pequena distância entre elas. Cada uma recebeu um número que ia de zero a nove. Outra criança, “anjo”, foi escolhida para carregar o fio pelo céu. As outras seis crianças restantes ficaram dentro do círculo, deitadas no chão de barriga para cima e tinham a tarefa de observar o que iria acontecer. Enquanto isso, a criança “anjo” foi convidada a deixar o fio preso na criança de número zero e seguir contando de quatro em quatro. A ordem era, sempre que

chegar em um múltiplos de quatro, o fio ficará preso neste múltiplo até que tenha percorrido o círculo inteiro.

Após ter vivenciado, corporalmente, todo o processo da formação da estrela, a turma foi convidada a, seguir os mesmos passos e, reproduzir no papel o mesmo desenho. (ver os anexos).



Resultados obtidos e discussão

Os três primeiros exercícios já se tornaram familiares e tem sido feitos com mais destreza nos movimentos, disposição e segurança. Foi observado que com a repetição rítmica e lúdica diminuíram as trocas de posições de direita e esquerda.

Nos exercícios de coordenação de membros inferiores e superiores, inicialmente houve dificuldade de execução da maioria das crianças, e à medida que uns observavam os movimentos dos outros iam sendo sanadas as dificuldades. No cruzamento dos membros inferiores muitas crianças se saíram bem e poucas tiveram mais dificuldade, mas conseguiram. Quando se juntou o movimento dos membros superiores, alternados aos dos inferiores houve maior dificuldade por parte de todas as crianças. Com a repetição da atividade, por várias vezes, o grupo foi se afinando na coordenação dos cruzamentos, o que demonstrou um amadurecimento e domínio dos próprios movimentos. Com a continuidade das práticas corporais há a possibilidade das crianças sentirem-se cada vez mais seguras, mais conscientes de seus movimentos e de elevação da auto-estima. À medida que a criança for tendo autonomia sobre os próprios movimentos, ao mesmo tempo estará transformando sua estrutura cerebral, com a aquisição de novas sinapses que possibilitarão uma compreensão mais clara dos conteúdos que se tem de aprender. Quando o corpo aprende primeiro fica mais fácil depois para a aprendizagem intelectual.

Na contagem de quatro em quatro, seguindo o rastro com um barbante, surgiu à formação de uma estrela de cinco pontas. Quem estava conduzindo o fio, que era uma criança com bastante dificuldade, entendeu com o corpo o que se quer dizer com: “três vezes quatro”, “quatro vezes quatro”... “nove vezes quatro”, etc. Quem estava observando ficou surpreso com a aparição da estrela, e ao mesmo tempo acompanharam a contagem com entusiasmo. É uma atividade que deve ser repetida várias vezes, fazendo os participante se colocarem em posições diferentes a fim de compreenderem caminho percorrido no processo das tabuadas. Depois de fazer com o barbante, as crianças reproduziram o mesmo desenho em folha A4.

As duas últimas atividades foram mais complexas e tem de ser repetidas na próxima sessão para melhor consolidação dos movimentos e compreensão intelectual.

Sessão cinco de intervenção psicopedagógica 10/05/2013

Objetivo: Repetir a sessão anterior a fim de possibilitar maior segurança interna nos movimentos cruzados, bem como na consolidação espacial dos múltiplos de quatro, ou seja, na formação da estrela de cinco pontas.

Procedimento e material utilizado: versos para lateralidade, barbante, giz branco, giz de cera e folha branca de tamanho A4.

“Mãos para cima / mãos para baixo / mãos à frente / mãos atrás / direita e esquerda / é assim que se faz!”

“Mão direita, mão esquerda, tenho duas mãos / mão direita, mão esquerda, trabalhando as duas vão. / Se ajudando ao encontrar, esta mão e a outra mão / esta mão e a outra mão. / Pé direito, pé esquerdo, dois pés são / pé direito, pé esquerdo pisam firme neste chão.”

“Eu entrei na roda / para ver como se dança / eu entrei na contradança / eu não sei dançar / sete e sete são quatorze / três vezes sete vinte e um / tenho sete namorados / e não caso com nenhum.”

Cruzamentos de membros superiores e inferiores sobre uma linha;

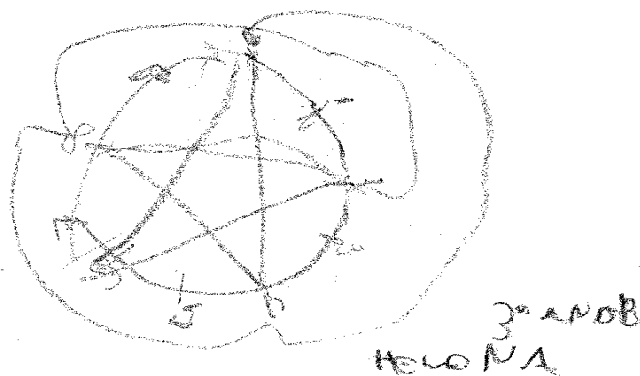
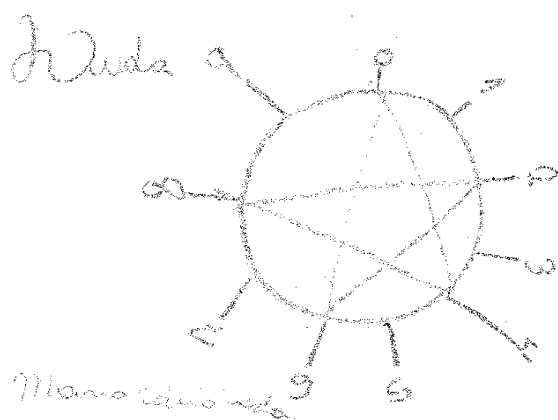
Contagem de quatro em quatro.

Resultados obtidos e discussão

Os três primeiros exercícios foram sendo aprimorados ao longo das sessões e trouxe como resultado grupal uma uniformidade nos movimentos, mais consciência individual e de grupo quanto à formação espacial, mais presença, segurança e alegria pelo fato de cada indivíduo conseguir realizar a atividade no tempo certo e estar em consonância grupal e social.

Quanto ao exercício dos cruzamentos de braços e pernas, também houve mais consciência, porém ainda foi difícil para algumas crianças na parte de coordenar membros inferiores e superiores. Não é mesmo um exercício simples, contudo muito eficaz para um processo gradual de despertar da consciência corporal e cognitiva. Deve ser repetido sempre que possível.

Já o exercício da estrela foi desenvolvido novamente com os participantes em posições diferentes, com mais precisão e destreza. Houve, sem dúvida, um aprimoramento na compreensão da contagem e dos múltiplos de quatro. Foi notável também como os alunos estavam se divertindo com a parte lúdica desse processo ao mesmo tempo em que estavam formalizando o contar de quatro em quatro que é também a tabuada de multiplicação do número quatro, que são também as quatro estações do ano, as quatro mesas que se juntam em grupos na sala, etc. Outras relações que façam parte do cotidiano das crianças podem e devem ser abordadas para que tudo isso vá alargando o leque de conhecimentos.



V- Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica

Num primeiro momento, o que ficou evidente foi o estado de motivação e alegria com o qual as crianças esperavam a realização das brincadeiras, mesmo antes de saber quais eram. E, num ambiente de algazarra, escolheram seus cantinhos no espaço da sala de aula, que eram, normalmente, perto da pesquisadora ou perto dos melhores amigos. Isto sempre aconteceu! Isto me remeteu a lembranças da minha própria infância quando diante de um desafio, era possível sentir: alegria e tensão, medo e coragem, fortaleza e fraqueza, tudo ao mesmo tempo; e por não saber ainda lidar com isso, busca-se no outro um ponto de apoio, de segurança, de companheirismo.

Durante as intervenções este foi, em todas as sessões, o primeiro ambiente formado, uma imagem muito boa por sinal. Do ponto de vista da pesquisadora foi um sinal de aceitação e motivo facilitador do desenvolvimento da proposta psicopedagógica. Do ponto de vista dos alunos, uma pausa no conteúdo para brincar e se exercitar.

Só deste primeiro momento muitas coisas puderam ser notadas e confirmadas com o aporte teórico anterior: o ímpeto positivo da criança pelo brincar e a importância do afeto na relação com o outro, qualquer que seja o educador, no caso aqui, o pesquisador. Durante o desenvolvimento das sessões, os laços afetivos foram se estreitando e cada vez mais, as crianças iam se mostrando com suas características mais individualizadas e mais abertas as propostas educativas. Foram envolvidas pelo canto, pelo ritmo, pelo movimento e lá se mostraram sem perceber, e depois percebendo as suas dificuldades. As necessidades educacionais giravam em torno de lateralidade não definida, dificuldades com a integração dos membros superiores com os inferiores, dificuldades com cruzamentos de pernas e braços, equilíbrio e tempo musical. Com isso, as atividades foram propostas pensando na repetição como fator importante de sedimentação de novas habilidades, de forma a atender as especificidades, embora fossem feitas por todos e para todos. Dessa maneira, a cada sessão eram exercitadas brincadeiras já conhecidas e outras novas, como mostra a descrição de cada sessão acima, num movimento de recordar e ir para uma nova conquista.

Ao final das sessões, o que vi foi um salto na uniformidade de movimentos e uma alegria enorme por estar integrando um todo e fazendo-o fluir sem interrupções. Notei também que a criança fica muito feliz quando consegue dar um passo no caminho do desenvolvimento, pois a qualidade de ritmo, canto movimento do final das sessões eram

muito mais bonitas e harmônicas do que nas sessões iniciais. Contudo, não se trata só de uma beleza estética, que possui também sua importância, mas de conquistas pessoais e sociais, considerando aí a auto-estima, consciência individual e grupal e seus reflexos na aprendizagem.

Portanto, confirmam-se a importância de haver no espaço de tempo em que a criança fica na escola um momento, de pelo menos trinta minutos, dedicado ao movimento rítmico consciente, cuja função é proporcionar a maturidade corpórea, dando suporte o bom desenvolvimento das funções mentais superiores.

A professora da turma participou como observadora das sessões e, ao final avaliou que o trabalho realizado foi importante pela contribuição na elevação da auto-estima dos alunos como um todo, mas principalmente, dos alunos cujas dificuldades eram mais acentuadas. Pode perceber também, com mais clareza, as graduações de dificuldades específicas de outros alunos e a possibilidade de pensar em estratégias para mediar a aprendizagem. Foi relatado sobre o entusiasmo com o qual a turma esperava a hora da atividade corporal e como as crianças ficavam satisfeitas depois.

Nos momentos de realização das atividades, a professora foi convidada a participar com o grupo, mas por impedimentos de saúde, preferiu somente observar. Mesmo assim foi informado a ela que, no caso de, posteriormente, assumir este trabalho, o importante é que ela possa praticar antes os exercícios e estudar a fundamentação teórica desse trabalho. A pesquisadora colocou-se à disposição para orientar o trabalho na escola até que a professora possa assumi-lo sozinha.

Foi motivo de grande satisfação para a pesquisadora observar que as na hora do intervalo, os alunos continuavam brincando e ensinando para outros colegas.

VI - Consideração finais

Diante do crescente número de crianças e jovens que são diagnosticados e tratados medicamentosamente, por conta de suas dificuldades com a aprendizagem, o presente trabalho, buscando suporte principalmente, em pesquisas recentes da neuropsicologia e das concepções de educação, se propôs a fazer sessões de intervenção com um grupo de crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental público, no sentido de apontar alternativas para tratar da questão. O foco principal do trabalho foi relacionado ao movimento rítmico como proporcionador de maturidade para o pensar, o sentir e o agir reconduzindo o ser humano a um estado de integralidade, perdida hoje em dia com as grandes exigências da vida moderna.

Com esta prática, pretendeu-se alcançar as bases motoras do desenvolvimento onde esbarram muitas dessas dificuldades e onde encontra-se o ponto de partida da aprendizagem como um todo. Não é à toa que temos tantas terapias corporais sendo postas em prática, mas a idéia aqui é estimular e valorizar o movimento natural rítmico abundante nas crianças para não precisar chegar no movimento terapêutico. Exceto em caso extremo.

Como as crianças passam boa parte do seu tempo nas instituições escolares, a prática do movimento aqui proposta foi especialmente pensada para ser exercitada como opção de não deixar se acentuar esta grande tendência. É um caminho possível, proposto como medida psicopedagógica, mas para ser praticado, diariamente, pelo professor de classe como forma de reintegrar a criança que não tenha tido a oportunidade plena de desenvolvimento. No caso aqui, funcionaria como uma questão de prevenção e não ainda como algo já instalado. Porém, quando a dificuldade já atingiu um nível que ultrapassa a competência do professor, pode-se recorrer ao psicopedagogo e a outros profissionais da saúde.

Considerando que o trabalho proposto é para ser desenvolvido em sala de aula pelo professor de classe, é de extrema importância que ele esteja preparado para tal, e esteja disposto a incluir no seu planejamento diário o movimentar dele próprio. É um trabalho simples, porém que exige abertura e entrega para o canto, o ritmo, a poesia, o equilíbrio e a alegria. O mesmo serve para o psicopedagogo. Mas, independentemente de quem seja o condutor, uma questão é crucial: É muito importante conhecer a fundo, as fases de desenvolvimento da criança e perceber que o movimento corretamente conduzido transforma-se em habilidades e mal conduzido pode trazer muitas dificuldades.

Como disse Rudolf Steiner, “Educação é auto-educação” (1923). O professor, educador ou terapeuta precisa se auto-educar, e com o esforço do adulto de querer melhorar, os alunos também se educam.

Quero concluir este trabalho com este lindo artigo da neurocientista Suzana Herculano-Houzel, publicado na Folha de São Paulo de 28 de fevereiro de 2008. www.cerebronosso.bio.br

Canções de Ninar

Eis, para mim, um dos mistérios neurocientíficos mais belos: por que gostamos de canções de ninar? Meu pai me ninava, segurando as mãos das duas filhas, uma de cada lado, com uma canção que hoje me faz chorar só de lembrar a única frase que me restou na memória. Minha mãe me ninava cantando sobre uma cama na varanda, com flores da roseira sopradas pelo vento fazendo às vezes do cobertor esquecido. É claro que ser ninado nos dá, justo quando ficamos mais vulneráveis, adormecidos, a segurança, o conforto e a tranquilidade de termos bem perto alguém que amamos – e o cérebro dá grande valor a isso, com um sistema especializado em detectar carinhos. Quem foi ninado sabe que foi uma criança amada.

Mas não é só isso. Canções de ninar, pouco importa o tema, tem algo em comum: o ritmo, que conduz melodias simples a uma taxa de cerca de sete batidas a cada dez segundos. Para não me fiar apenas em minhas próprias canções de ninar, fui conferir as 22 canções de ninar do Palavra Cantada, e lá estava o número: a maioria tinha de seis a oito marcações a cada dez segundos, e nenhuma passava de nove por segundo. Por que o número é importante?

Mircea Steriade, falecido neurocientista romeno que tinha o olhar cândido e a testa larga do meu avô cearense, explica. Especialista nos ritmos elétricos produzidos pelo cérebro nos vários estados de sono e vigília, Steriade descobriu que, quando adormecemos, o córtex produz ondas de aumento e então redução de sua atividade elétrica a um ritmo de cerca de sete ondas a cada dez segundos. Esse ritmo, sempre abaixo de uma onda por segundo, “recruta” o tálamo, que começa a produzir em sincronia com ele as ondas delta do sono profundo, que, por sua vez, invadem o restante do cérebro e nos tiram da vigília. Canções de ninar, portanto, talvez sejam a maneira que temos para, com nossa voz e palmadinhas em uma cadência de 0,7

batida por segundo, induzimos o córtex de nossos filhos a produzir, em resposta, as 0,7 ondas elétricas por segundo que convidam o resto de seu cérebro ao sono.

Meu filho de quatro anos me pede para ficar um pouco em sua cama, então deito e conto “Serenó” e “Fui no Tororó” enquanto dou umas 0,7 palmadinhas por segundo em seu traseirinho sem fraldas. Logo depois, é minha vez de ser ninada por meu marido, com sua fala lenta e carinhos no meu cabelo: é a canção de ninar de gente grande. Nunca medi a frequência da sua fala – mas sei que meu córtex gosta, porque adormece logo...

VII - Referências Bibliográficas.

Bott, V. (1991). Medicina Antroposófica. (3ª Ed.), São Paulo: Associação Beneficente Tobias, vol. 1

Cordazzo, S. T. D. Vieira, M. L. (2007). A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, ano 7, n, 1, 1º semestre de 2007.

Ferreira, A. B. H. (1999). Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. (3ª Ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Freitas, N. K. (2006) Desenvolvimento humano, organização funcional do cérebro e aprendizagem no pensamento de Luria e de Vygotsky. Ciência & Cognição 2006: vol. 09: 91-96. <<http://www.cienciasecognicao.org>>

Houzel, S. H. (2008). Canções de Ninar. Neurociência, Folha de São Paulo, 28 de fevereiro de 2008.

Ignácio, R. (2002). Aprendendo a andar...aprendendo a confiar! – O desenvolvimento do movimento da criança pequena, segundo Emmi Pikler. São Paulo: Edições Mainumby.

Lans, R. (2000). A PEDAGOGIA WALDORF – Caminhos para um ensino mais human. (7ª Ed.), São Paulo: Antroposófica.

La Taille, Y. Oliveira, M. K. Dantas, H. (1992). Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus.

Lievegoed, B. (1996). Desvendando o crescimento – As fases evolutivas da infância e da adolescência. (2ª Ed.), São Paulo: Antroposófica.

Moraes, W. A. (2006). Salutogênese e auto-cultivo – Uma abordagem interdisciplinar: Sanidade, Educação e Qualidade de Vida. Rio de Janeiro: Instituto Gaia.

Moraes, W. A. (1998). A educação do indivíduo como elaboração da alma humana – Educação, psicologia e medicina. Rio de Janeiro: Instituto Gaia.

Moraes, W. A. (2005). *Medicina Antroposófica: um paradigma para o século XXI*. São Paulo: ABMA, Associação Brasileira de Medicina Antroposófica.

Oliveira, M. K. Rego, T. C. (2010). Contribuições da perspectiva histórico-cultural de Luria para a pesquisa contemporânea. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v.36, n. 107-121.

Pinheiro, M. (2005). Aspectos históricos da neuropsicologia: subsídios para a formação de educadores. *Educar em revista*, núm. 25, 2005, PP. 175-196.

Pulino, L. H. C. Z. (2001). Acolher a criança, Educar a criança: uma reflexão. Em *Aberto*.no. 73, vol. 18. Brasília: INEP/MEC.

Pulino, L. H. C. Z. Barbato, S. (2004). Fundamentos de desenvolvimento e da aprendizagem – Cultura, desenvolvimento humano e aprendizagem. CEAD. Universidade de Brasília, vol. 2

Rodrigues, S. D. Ciasca, S. M. (2010). Aspécitos da relação cérebro-comportamento: histórico e considerações neuropsicológicas. *Rev. Psicopedagogia* 2010; 27(82): 117-26

Rego, T. C. (1995). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. (7ª Ed.), Petrópolis, RJ: Vozes.

Steiner, R. (2007). *Andar, Falar, Pensar – A atividade lúdica*. (8ª Ed.), São Paulo: Antroposófica.

Steiner, R. (1999). *Os Doze Sentidos e os Sete Processos Vitais*. (2ª Ed.), São Paulo: Antroposófica.

Wallon, H. (2007). *A evolução psicológica da criança*. (1ª Ed.), São Paulo: Martins Fontes.

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de pesquisa de intervenção psicopedagógica, sob a responsabilidade de Vanda Maria Amaro de Melo, aluna de especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade de Brasília que será orientada pela profa. Dra. Lúcia Helena Pulino. O objetivo desta pesquisa é elaborar e desenvolver projeto de prática de intervenção na área da psicopedagogia clínica. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável.

A coleta de dados será realizada por meio de observação e entrevistas semi-estruturadas. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61) 9972 9024 ou pelo e-mail vandamaro@gmail.com

A pesquisadora garante que os resultados da pesquisa serão devolvidos aos participantes por meio da entrega de uma cópia do Trabalho de Final de Curso apresentado à instituição.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a aluna responsável pela pesquisa e a outra com o(a) senhor(a).

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora

Sobre entrevista inicial com a professora e vice-diretora

Para que as sessões de intervenção fossem realizadas de forma mais abrangente, foram realizadas conversas prévias com a vice-diretora e com a professora regente a cerca da proposta feita pela pesquisadora. Além disso, houve a tentativa de tomar conhecimento das diretrizes do Projeto Político Pedagógico para melhor acomodar a proposta aos alunos. Todavia, poucas informações a respeito da educação do movimento foram encontradas, pois o Projeto Político Pedagógico estava passando por reformulações junto à comunidade de pais e professores e encontrava-se inacabado. Mesmo assim, na consulta feita via site da escola, foi possível extrair das conversas registradas (entre professores e a comunidade de pais) todas as frases que de alguma maneira davam a entender uma aproximação com o tema ou que há ou haverá uma abertura para realização do movimento por meio de brincadeiras.

“Promover ações pedagógicas que colaborem com a construção do aprendizado do aluno, desenvolvendo suas potencialidades no processo educativo.”

“Diagnosticar e acompanhar os alunos com dificuldades de aprendizagem ou com necessidades educacionais especiais, mantendo um diálogo permanente com a família.”

“Promover encontros com a comunidade, discutindo temáticas significativas para o pleno desenvolvimento do ser humano e realizando atividades socioculturais que integrem toda a comunidade escolar e local.”

“Aula voltadas para arte e música.”

“Esporte”

“Valorizar atividades como: teatro, fotografia, desenvolver outras habilidades.

Roteiro de entrevista

O presente trabalho é parte integrante do projeto de pesquisa “O movimento rítmico como prática de educação e intervenção psicopedagógica” desenvolvido por Vanda Maria Amaro de Melo, aluna do curso de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

Este instrumento tem o objetivo de colher informações da professora a cerca da prática de movimentos: conduzido ou livre na escola, em especial com o 3º ano “B” e qual é a importância atribuída por ela ao movimento na aprendizagem.

1 – O que é movimento para você?

2 – O que é brincar?

3 – Qual é o tempo destinado na escola para brincar?

4 – Em quais momentos, na escola, o movimento é livre (brincar livre)? E em quais momentos o movimento é conduzido?

5 – No que você acha que o movimento livre e conduzido pode ajudar?

5 – Como você relaciona movimento com aprendizagem?

6 – Qual é a sua relação com o movimento?

7 – Você seria estaria disposta a aprender algumas técnicas para fazer com os alunos em sala de aula?

Roteiro dos exercícios de movimento

Sessão um

“Escravos de Jó”

“O anãozinho Guigo”

“Sequência numérica”

Sessão dois

“Ritmo para lateralidade”

“ Eu entrei na roda”

“Cálculos mentais a partir do ouvir batidas, com contagem de partes do corpo”

Sessão três

“Ritmo para lateralidade”

“Eu entrei na roda”

“Cavalinho”

Sessão quatro

“Ritmo para lateralidade”

“Eu entrei na roda”

“Tique-taque”

“Contagem de quatro em quatro e formação da estrela de cinco pontas”

Sessão cinco

“Ritmo para lateralidade”

“Eu entrei na roda”

“Contagem de quatro em quatro e formação da estrela de cinco pontas ”

“Registro do desenho vivenciado corporalmente”.